

O semblante e suas cercanias¹

Antônio Guinho²



Definindo os termos

“Há conceitos que se devem incutir na alma
do leitor à força de repetição.”

Machado de Assis³

“Pura deusa
Pura deusa, aquela coberta por prata
Estes sagrados e arcaicos ramos
Voltamo-nos para vosso amável semblante
Voltamo-nos
Voltamo-nos para vosso amável semblante
Sem névoa e sem véu”
Vincenzo Bellini⁴

¹ Texto apresentado em reunião da Intersecção Psicanalítica do Brasil, em 19.03.2021

² Psicanalista. Membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil e membro fundador de Interlocação em Desenvolvimento Infantil.

³ Dom Casmurro, p.55

⁴ *Casta Diva / Casta Diva, che inargenti / Queste sacre, queste sacre, queste sacre antiche piante / A noi volgi il bel sembiante / A noi volgi / A noi volgi il bel sembiante / A Senza nube e senza vel /* (Vincenzo Bellini) Maria Callas: <https://youtu.be/s-TwMfgaDC8> / Renée Fleming: <https://youtu.be/Rg4L5tcxFcA>

O que se pretende neste trabalho é tentar definir, de forma simples e a mais aproximada possível, alguns dos conceitos básicos implicados no conceito de **semblante**, necessários ao adentramento nesse território.

Os conceitos que se pretende definir são:

- Semblante
- Real, RSI
- Gozo
- Falo
- Falocentrismo
- Fórmulas da sexuação

Semblante

Do provençal *semblant*, na acepção francesa significa aparência, fachada, pretensão, máscara, tonalidade, verniz, um pouco de algo.

A expressão “fazer semblante de” (*faire semblant de*) significa fingimento, simulação. (LARROUSSE)

Na língua portuguesa, semblante significa rosto, cara, face, aspecto, aparência, imagem física exterior.

Jacques-Alain Miller acena com a promessa de uma chave elucidativa do conceito de semblante em O Seminário, Livro 18, de Jacques Lacan, “De um discurso que não fosse semblante”, título que ele considera enigmático. LACAN (2006/2009, contracapa).

Miller explica: “(...) trata-se [o semblante] do homem e da mulher, de suas relações mais concretas, amorosas e sexuais na vida do dia a dia, bem como em seus sonhos e fantasias.”

Como se verá logo adiante, na verdade seria mais apropriado dizer “trata-se do macho e da fêmea”, visto se referir a uma manifestação também presente, de forma muito marcante, em animais não humanos.

Miller acrescenta: “Na ordem sexual, não basta ser, também é preciso parecer.”

Essa afirmativa evoca o episódio em que Pompéia, esposa de Júlio César, realiza um festival em sua casa do qual nenhum homem poderia participar. Todavia, um ardiloso jovem se imiscui no encontro, disfarçado de mulher, com o objetivo aparente de seduzir Pompéia. Apesar

da absoluta falta de evidências, César se divorcia de Pompéia, afirmando: "minha esposa não deve estar nem sob suspeita".

Esta frase deu origem ao provérbio "À mulher de César não basta ser honesta, deve parecer honesta".

Miller lembra que Lacan recorre à Etologia para demonstrar o quanto a questão da aparência é importante entre os animais, em que o macho, nos rituais de acasalamento, sinaliza à parceira a sua disposição favorável ao ato sexual "(...) através da exibição de formas, cores e posturas, (...) significantes imaginários que constituem o que chamamos de semblantes."

Esse fenômeno pode ser visto e admirado na exuberante dança de acasalamento da ave do paraíso <https://youtu.be/rX40mBb8bkU> e de outros pássaros: <https://youtu.be/wTcfDCjBqV0>

E, numa versão mais extensa:

<https://www.netflix.com/title/80186796?s=i&trkid=13747225&t=wha>

Miller aduz: "Para encontrar nisso material para a ciência, convém distingui-los bem do **real** que eles escondem e manifestam ao mesmo tempo: o do **gozo**."

Real

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.
(...)
As asas que Deus lhe deu
Rufaram de par em par
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...
(Alphonsus de Guimaraens)

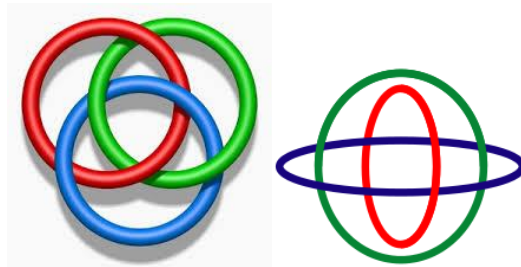
Introduzido por Lacan em 1953, o conceito do Real, empregado como substantivo, é uma assimilação, jamais confessada, da noção de real de Georges Bataille (que publicara em 1933 o texto "A estrutura psicológica do fascismo"), associada ao conceito freudiano de realidade psíquica. O escritor francês tanto circulou no campo da literatura quanto nos campos da filosofia, antropologia, economia, crítica literária, sociologia e história da arte.

Trata-se, o Real, de uma realidade impossível de simbolizar, constituindo-se, em associação com o Imaginário e o Simbólico, na tríade de uma estrutura representada mais tarde por Lacan pelo Nó Borromeu.

O Real “Designa a realidade própria da psicose (delírio, alucinação), na medida em que é composto dos significantes foracluídos (rejeitados) do simbólico.” (...) Por outro lado, “o real está na origem e na fonte de uma dúvida fundadora necessária à ciência”. ROUDINESCO (1998, 645)

Para a compreensão do conceito de Real, torna-se imprescindível a compreensão da tríade RSI.

RSI



Se o conceito do **Real** é tributário do pensamento de Georges Bataille, o conceito do **Simbólico** está associado aos achados do linguista e filósofo suíço Ferdinand de Saussure e do antropólogo, professor e filósofo (considerado francês, embora nascido na Bélgica) Claude Lévi-Strauss, considerado o fundador da antropologia estruturalista.

Saussure, considerado o primeiro linguista da época moderna, “entendia a linguística como um ramo da ciência mais geral dos signos, que ele propôs que fosse chamado de Semiologia.” Há contradições entre os autores quanto às diferenças/semelhanças entre os termos Semiologia e Semiótica. (WIKIPÉDIA)

Curiosamente, o termo Semiologia, para a clínica médica, refere-se a um meio e um modo de se examinar um doente, de se verificarem os sinais e sintomas, objeto de preocupação também do psicanalista, no que concerne ao sofrimento psíquico.

A linguística, graças aos estudos e ao trabalho de Leonard Bloomfield, que recebe a influência saussuriana, adquire autonomia, objeto e método próprios. Seus conceitos serviram de base para o estruturalismo no século XX.

“Entre 1953 e 1960, no contexto de sua retomada estrutural da obra freudiana, Lacan conferiu a esse **real** um estatuto muito próximo do que lhe atribuíra Bataille. Na categoria do **simbólico** alinhou toda a reformulação buscada no sistema saussuriano e Lévi-Straussiano; na categoria do **imaginário** situou todos os fenômenos ligados à construção do eu: antecipação, captação e ilusão; e no real, por fim, colocou a realidade psíquica, isto é, o desejo inconsciente e as fantasias que lhe estão ligadas, bem como um “resto”: uma realidade desejante, inacessível a qualquer pensamento subjetivo.” (ROUDINESCO, 1998)

Gozo

Tendo inicialmente um sentido jurídico de usufruto, o termo gozo ganha “uma dimensão hedonista, tornando-se sinônimo de prazer, alegria, bem-estar e volúpia.” (ROUDINESCO, 1998, 299)

Freud utiliza o termo em seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” referindo-se aos homossexuais, que não conseguem extrair “nenhum **gozo**” da relação com o sexo oposto e n^o “Os chistes e sua relação com o inconsciente” onde demonstra que a repetição do chiste, eliminando o recurso da surpresa, corre o risco de não mais provocar o riso. Entretanto, “recupera-se uma parte da possibilidade de **gozo**” apresentando-se o chiste a um novo ouvinte.

O termo, raramente utilizado por Freud, torna-se um conceito na obra de Lacan:

“Inicialmente ligado ao prazer sexual, o conceito de gozo implica a ideia de uma **transgressão da lei: desafio, submissão ou escárnio** [“gozar com a cara” do outro]. O gozo, portanto, participa da perversão, teorizada por Lacan como um dos componentes estruturais do funcionamento psíquico, distinto das perversões sexuais. (ROUDINESCO, 1998, 299)”

No clássico Dom Casmurro, obra prima de Machado de Assis, coincidentemente, tanto quanto “A interpretação dos sonhos”, de Freud, publicado em 1899 com data de 1900, encontramos a utilização do termo **gozo, gozar**, mais na acepção que Lacan lhe atribui do que na de Freud.

“Tijolos que pisei e repisei naquela tarde, colunas amareladas que me passastes à direita ou à esquerda, segundo eu ia ou vinha, em vós me ficou a melhor parte da crise, a sensação de um **gozo** novo, que me envolvia em mim mesmo, e logo me dispersava, e me trazia arrepios, e me derramava não sei que bálsamo interior. Às vezes dava por mim, sorrindo, um ar de riso de satisfação, que desmentia a abominação do meu pecado.” (ASSIS, 1900/2019, 27)

“A eternidade tem as suas pêndulas; nem por não acabar nunca deixa de querer saber a duração das felicidades e dos suplícios. Há de dobrar o **gozo** aos bem-aventurados do céu conhecer a soma dos tormentos que já terão padecido no inferno os seus inimigos; assim também a quantidade das delícias que terão gozado no céu os seus desafetos aumentará as dores aos condenados do inferno.” (ASSIS, 1900/2019, 58)

O “Era isto mesmo; devíamos dissimular para matar qualquer suspeita, e ao mesmo tempo **gozar** toda a liberdade anterior, e construir tranquilos o nosso futuro. — Você tem razão, Capitu, concluí eu; vamos enganar toda esta gente.” (ASSIS, 1900/2019, 105)

Falo

Enquanto que na sua origem grega *phallós*, pênis, a palavra refere-se ao membro masculino real, a sua representação latina, *phāllus*, designa esse órgão mais no sentido simbólico.

Enquanto que os deuses itifálicos (do grego *ithus*, reto), com seus órgãos em ereção, são celebrados por variadas religiões pagãs ou orientais, a religião monoteísta os rejeita, por considerar que se referiam a um período bárbaro da humanidade.

Freud emprega o substantivo falo, de forma rara, ou para se referir ao fetichismo ou à denegação (*Verneinung*) e, muitas vezes, como sinônimo de pênis.

“Em contrapartida, o adjetivo ‘fálico’ ocupa um grande lugar na teoria freudiana da libido única (de essência masculina), na doutrina da sexualidade feminina e da diferença sexual e, por fim, na concepção dos diferentes estádios (oral, anal, fálico e genital).” (ROUDINESCO)

Lacan retoma o substantivo falo no sentido de um anticristianismo voltado para o amor místico e para a filosofia platônica.

“Lacan afastou-se o máximo possível da concepção biológica da sexualidade, interessando-se mais pela perversão do que pela neurose, pelo gozo do que pelo prazer, pelo desejo do que pela necessidade, e pelo objeto (pequeno) *a* do que pela pulsão. Fascinado por todas as formas de transgressão, mas habitado pela certeza de que o falo é um atributo divino, inacessível ao homem, e não o órgão do prazer ou da soberania viril, Lacan fez dele, a partir de julho de 1956, o próprio significante do desejo, aplicando-lhe uma maiúscula e o evocando, antes de mais nada, como o “falo imaginário”, e depois como o “falo da mãe”, antes de passar finalmente à ideia de “falo simbólico”. Foi assim que ele revisou a teoria freudiana dos estádios, da sexualidade feminina e

da diferença sexual, mostrando que o complexo de Édipo ou de castração consiste numa dialética “hamletiana” do ser: ser ou não ser o falo, tê-lo ou não o ter.” (ROUDINESCO, 1998)

Falocentrismo

Termo criado por Freud em 1927, o Falo “(...) se apoia na tradição greco-latina, segundo a qual as diversas representações figuradas do órgão masculino organizavam-se num sistema simbólico. Ele remete à teoria freudiana da sexualidade feminina e da diferença sexual e designa uma doutrina do falocentrismo monista, em cujos termos só existiria no inconsciente uma espécie de libido de essência viril. (Freud, 1925) Essa doutrina foi criticada por Melanie Klein, Ernest Jones e a escola inglesa de psicanálise, que lhe opuseram uma teoria dualista da diferença sexual. (ROUDINESCO, 1998, 221)

Fórmulas da sexuação

Em oposição ao falicismo de Freud, Lacan apresenta fórmulas próprias para traduzir a diferença sexual e a sexualidade feminina.

As fórmulas da sexuação apresentam quatro proposições lógicas, sendo as duas primeiras universais,

- 1) Afirmativa: “Todos os homens têm o falo”
- 2) Negativa: “Nenhuma mulher tem o falo”.

As duas últimas são particulares negativas:

- 3) “Todos os homens, menos um, estão submetidos à castração.”
- 4) “Não existe nenhum X que constitua uma exceção à função fálica.” Isso implica que, já que não existe para o conjunto feminino um equivalente do pai que escape à castração (o “pelo menos um” do conjunto dos homens), todas as mulheres têm acesso ilimitado à função fálica (Lacan, 1985).
- 5) Essas duas proposições resumem, segundo Lacan, a posição freudiana da libido masculina única, sendo o falo assimilado ao órgão sexual masculino. Segundo Lacan, entretanto, essa posição é inaceitável, pois avaliza a fantasia de uma complementaridade entre homens e

mulheres e desemboca numa concepção do Um como negação da diferença e exclusão da castração, como quando se diz, por exemplo, a “humanidade” ou o “gênero humano”.

- 6) Vêm então as outras duas fórmulas. Uma é particular negativa: “Todos os homens, menos um, estão submetidos à castração.” Nesse caso, o conjunto dado, “todos os homens”, só pode existir logicamente se existir um outro elemento, distinto do conjunto: no caso, o pai originário da horda primitiva (Totem e tabu*), que pode possuir todas as mulheres. A última fórmula é uma particular negativa: “Não existe nenhum X que constitua uma exceção à função fálica.” Na medida em que não existe, para o conjunto feminino, um equivalente do pai originário que escape à castração — o pelo-menos-um do conjunto dos homens —, todas as mulheres têm um acesso ilimitado à função fálica. Existe, portanto, uma dissimetria entre os dois sexos. Foi a partir destas duas últimas fórmulas que Lacan definiu as formas masculina e feminina de seu conceito de gozo. (ROUDINESCO, 1998, 703)

Espera-se que a tentativa de definição desses conceitos-chave, por mais superficial que tenha sido, possa de alguma maneira auxiliar a quem deseja adentrar ao Seminário 18 de Jacques Lacan, “De um discurso que não fosse semblante”.

Referências

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. 2ª Ed. Brasília: Edições Câmara, 1900/2019.

Disponível em <https://livraria.camara.leg.br>

Acesso em: 02.01.2021

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. 1905/

_____ Os chistes e sua relação com o inconsciente 1905/

LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 18: De um discurso que não fosse semblante (1971). 1ª

Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006/2009.

LAROUSSE, Dictionnaire Français.

Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/semblant/71944>

Acesso em 02.01.2021.

ROUDINESCO, Elisabeth. Dicionário de psicanálise. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

WIKIPÉDIA. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_de_Saussure
Acesso em 02.01.2021.